

FSP
11/8/96 54155
418

5 ■ 4 mais! domingo, 11 de agosto de 1996

FOLHA DE S. PAULO

BIENAL PRIMEIRA LEITURA

OTÁVIO DIAS
da Reportagem Local

O professor Darcy Ribeiro, 73, autor de algumas das obras mais importantes da antropologia brasileira, lança nos próximos dias aquele que considera seu livro definitivo, "Diários Índios".

Surpreendentemente, o antropólogo levou mais de 45 anos para descobrir a importância da obra —registrada em oito cadernos grossos, de capa dura, preenchidos a mão entre 1949 e 51.

Editado pela Companhia das Letras, "Diários Índios" (leia trechos à pág. 5-5) traz, em 601 páginas ilustradas com fotografias, desenhos e gráficos, a descrição completa de duas expedições realizadas por Darcy às aldeias dos índios Urubus-Kapor, situadas na fronteira entre o Maranhão e Pará, na metade do século.

Então com apenas 27 anos, Darcy Ribeiro passou cerca de dez meses em meio à selva amazônica para estudar esse povo indígena, descendente dos tupinambás, que povoavam a costa brasileira na época do descobrimento.

Inéditos até hoje, os diários são relevantes para a antropologia brasileira porque, junto com anotações de outras viagens empreendidas por Darcy, serviram de base para a elaboração de toda a obra posterior do autor.

Em entrevista à Folha, o também educador e senador pelo PDT do Rio de Janeiro conta que não publicou antes "Diários Índios" por um vício de antropólogo.

"Achava que tinha de extrair de um texto teorizante", diz Darcy. "É assim que a antropologia trabalha. Converte tudo em uma coisa genérica".

Mas, aos 73 anos e numa luta feroz contra um câncer que começou na próstata e espalhou-se pelo corpo —no fim de 94, Darcy saiu fugido da UTI em que estava internado, no Rio de Janeiro—, ele está agora mais interessado nos detalhes da vida.

"O genérico não há", afirma. "O que existe é cada casamento, cada batizado, marcado por suas circunstâncias".

Para ele, "Diários Índios" é seu livro definitivo, "aquele que será republicado até o ano 3000, porque conta a história de um povo que está desaparecendo".

A decisão de publicar o livro também propiciou uma redescoberta amorosa. Ele tinha se esquecido, mas as 601 páginas de "Diários Índios" foram escritas como uma interminável carta dirigida à sua primeira mulher, Berta.

"É a maior carta de amor do mundo", diz Darcy.

No prefácio, ele conta que, após 20 anos de separação, os dois voltaram a namorar. Berta também é vítima de câncer, que a atingiu no cérebro. "Eu a beijo na boca e prometo casar de novo com ela", escreve.

O livro impressiona pela descrição das consequências desastrosas da pacificação na vida dos índios.

Promovida pelo antigo Serviço de Proteção aos Índios, órgão anterior à Funai (Fundação Nacional do Índio), a pacificação transformava os índios em fugitivos do campo e de outras doenças do homem branco.

Assustados com as mortes causadas pela doença, abandonavam suas aldeias —onde, acreditavam, estava a doença— e desapareciam mata adentro, levando a epidemia para outras aldeias.

Traz também relatos detalhados dos mitos, festas e cerimônias, assim como árvores genealógicas, plantas das aldeias e descrição dos costumes, da culinária, vestimentas, etc.

Como diz Darcy, em "Diários Índios", o leitor é pego pela mão e levado a percorrer mais de 2.000 quilômetros, conhecer dezenas de aldeias.

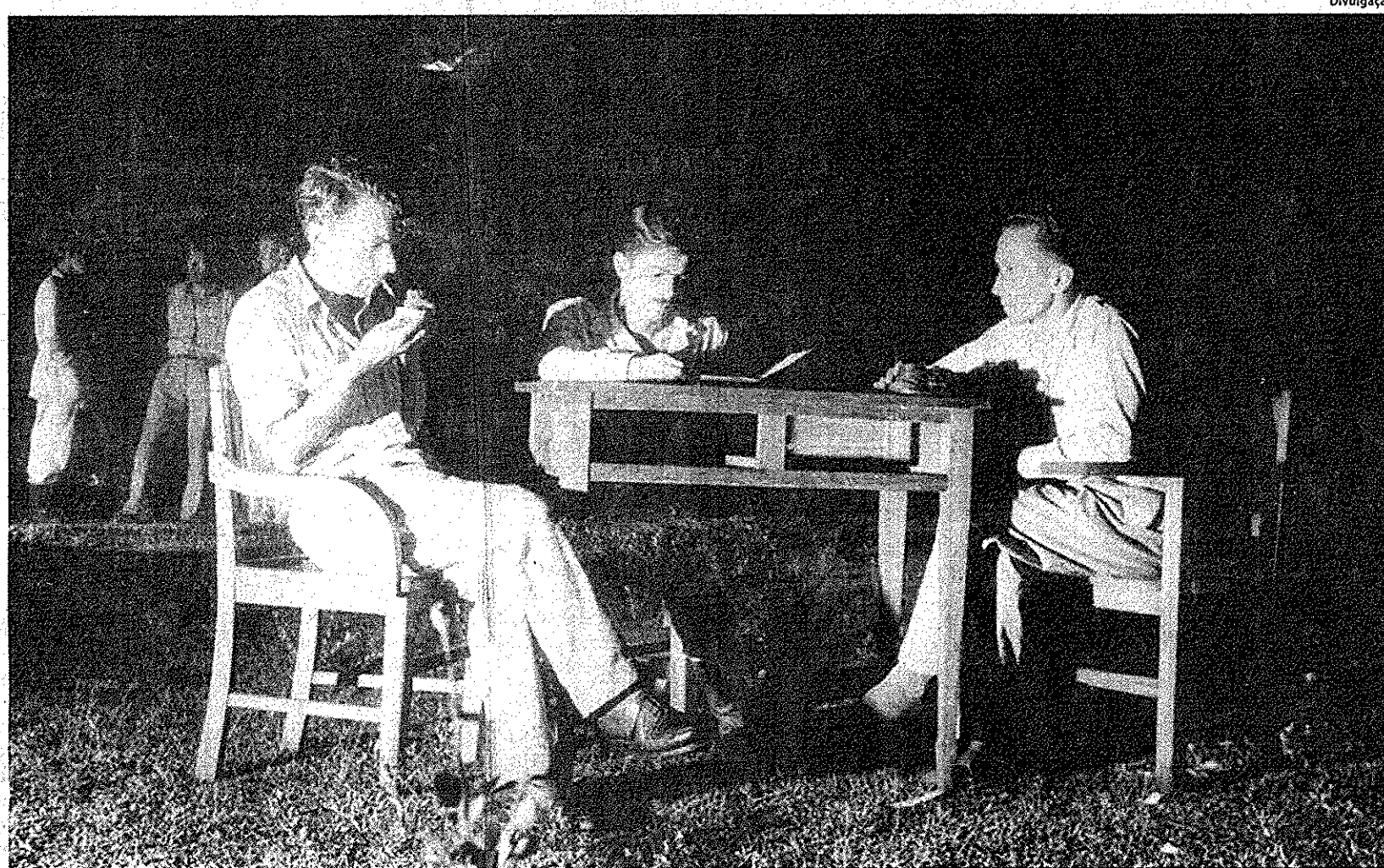
O livro, no entanto, não é a única obra do incansável autor à disposição nas estantes da Bienal.

A Companhia das Letras também está relançando "Os Índios e a Civilização", originalmente publicado em 1968 e resultado de um estudo realizado a pedido da Unesco.

Finalmente, a editora Vozes coloca no mercado a terceira edição de "Kadiwéu", sobre os índios do mesmo nome, com quem Darcy viveu entre os anos de 1946 e 48, antes mesmo das expedições relatadas em "Diários Índios".

Anotações para o ano 3000

O antropólogo Darcy Ribeiro publica seus "Diários Índios", escritos entre 1949 e 1951, base de todo seu trabalho posterior



Darcy Ribeiro (centro) com o cinegrafista alemão Heinz Foerthmann e o linguista francês Max Boudin durante a expedição na Amazônia

A maior carta de amor do mundo

da Reportagem Local

Leia a seguir a entrevista concedida por Darcy Ribeiro à Folha na última terça-feira sobre "Diários Índios".

★

Folha - Os "Diários Índios" foram escritos entre 49 e 51. Por que só agora são publicados?

Darcy Ribeiro - Nunca pensei em publicar os diários, mas sim em subtrair deles um texto teorizante. Não pensava em falar dos casamentos que vi durante as expedições às aldeias dos índios Urubus-Kapor, mas de um casamento hipotético, de uma família hipotética.

É assim que a antropologia trabalha. Converte tudo em uma coisa genérica. Mas o genérico não há. O que existe é cada casamento, cada batizado, marcado por suas circunstâncias.

Acho que esses "Diários Índios" são como "Tristes Trópicos", de Claude Lévi-Strauss, um livro muito melhor do que as obras teóricas do antropólogo francês. "Tristes Trópicos" é um livro cheio de carne, de verdade. É o que vai ficar de Lévi-Strauss.

Meus diários também são assim. De todos os meus livros, esse é o único que será publicado no ano 3000, porque mostra a vida de um povo que está desaparecendo, que está mudando.

Conta o que vi a cada dia, o que os índios caçaram e comeram hoje, que cerimônia foi feita. Toda minha visão posterior do mundo dos índios foi bebida aí. Ofereço a mão para que o leitor caminhe comigo 2.000 quilômetros na selva e conheça dezenas de aldeias.

Folha - Como foi ler a obra e prepará-la para publicação depois

de 46 anos?

Ribeiro - Foi emocionante. Me senti jovem outra vez. Escrevi os diários quando tinha 26, 27 anos. É uma maravilha ter isso em mãos. Também fiquei muito emocionado porque tinha me esquecido que os havia escrito em forma de carta para uma mulher que amava muito, minha primeira mulher, Berta. É a maior carta de amor do mundo.

Folha - Nos diários, o sr. sustenta que o processo de pacificação dos índios inevitavelmente os destrói...

Ribeiro - O antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e depois a Funai (Fundação Nacional do Índio) abriam as terras dos índios à civilização e os deixavam desarmados. Depois, não sabiam o que fazer com eles.

Os xavantes, por exemplo, ocupavam uma área do tamanho da França, onde ninguém ousava entrar. Depois, ficaram com um pedacinho mínimo. E os fazendeiros tomaram toda a terra.

O contato dos índios com a civilização é inevitável, mas a melhor maneira de defendê-los é criar em torno deles uma grande área de maneira que este intercâmbio torne-se mais difícil.

Assim eles têm mais tempo de isolamento, podem mudar lentamente e digerir essa mudança. É o que aconteceu com a criação do Parque do Xingu, idealizado por Orlando Vilas Boas. Até agora, este é o melhor exemplo de como defender os índios.

Folha - Mas, nos dias de hoje, a idéia de que os índios possam viver isolados não é uma ilusão?

Ribeiro - A integração é inevitável porque não depende dos índios. A civilização chega lá, rodeia-os. Eles perdem seus meios de vida e, para comprar sal, comida, pano, precisam produzir. Então, tornam-se

mão-de-obra e passam a viver como caboclos.

Não há comparação entre o nível de vida do caboclo e de um grupo indígena isolado. O caboclo vive na miséria, na fome, porque é empregado de alguém, precisa produzir para comer.

Agora, o índio isolado, que não tem de produzir mercadoria nenhuma, tem tempo pra caçar, pra pescar, para plantar roça. Eles têm uma fartura formidável. Mas, se são compelidos a produzir mercadorias, caem na condição de caboclos.

Também está sendo relançado agora outro livro meu, "Os Índios e a Civilização", em que discuto esse processo de integração.

Há anos atrás, na década de 60, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) acreditava que o Brasil seria o melhor exemplo da "democracia racial" de que falava Gilberto Freyre.

Encomendou então uma série de estudos importantes. As pesquisas foram uma decepção. No que diz respeito aos negros, por exemplo, revelou-se a existência de muito preconceito em nossa sociedade.

Eu, por minha parte, mostrei que nunca houve assimilação dos índios pelos brancos.

Os índios são destruídos e, no lugar deles, surge um núcleo diferente, mestiço. E que não tem nada que ver com eles senão geneticamente —porque as mulheres são emprenhadas— ou devido à manutenção da cultura de adaptação à floresta. Mas os índios que sobram, mesmo um século depois, permanecem índios, ainda que tenham esquecido sua língua. Índio é índio, como cigano é cigano, e judeu é judeu. É uma auto-identificação profunda.

Folha - Então não é possível uma

assimilação que, ao mesmo tempo, respeite os valores dos índios?

Ribeiro - A teoria da transfiguração étnica, de que trato no livro "Os Índios e a Civilização", é de que os índios mudam precisamente para manter sua identidade. Os judeus de hoje são diferentes dos judeus de 500 ou 1.000 anos atrás. Mas continuam judeus. Não é mudar para assimilar, é mudar para preservar.

Folha - Que proposta o sr. tem hoje para a questão indígena?

Ribeiro - É preciso assegurar muita terra para que o índio tenha independência. Tem de ser uma terra tão grande quanto seja necessário para que ele desenvolva sua economia de caça e pesca, sua lavoura.

Agora, acima de tudo, ele tem de ter o direito de ser índio. É uma violência a ida de missionários para lá. O missionário liquida a mentalidade dos índios, mata suas almas. É necessário que haja uma proteção legal.

Folha - Há menos de dois anos, o sociólogo Hélio Jaguaribe disse que até o século 21 não existiriam mais índios no Brasil. Ele está certo?

Ribeiro - Não. Seu pai trabalhou com Rondon a vida inteira, fez o mapeamento do Mato Grosso. Acho que o Hélio deve ser inimigo do pai, tem raiva dele. Por isso, fala essas bobagens.

Ele não percebe que houve uma mudança no caráter da civilização moderna, que está marcada por dois movimentos contraditórios.

Por um lado, surgiram macroetnias ou supranacionalidades antes impensáveis. Quem poderia pensar que a Alemanha, a França, a Itália e a Inglaterra seriam uma só nação? Ao mesmo tempo, essas macroestruturas perderam poder sobre suas minorias étnicas. Os bascos, por exemplo, nunca tiveram tanta liberdade para ser bascos. Na Bélgica, a Universidade Católica de Louvain dividiu-se em duas: uma parte fala francês, a outra adotou o flamengo.

A globalização abriu um espaço para o fortalecimento das etnias que os Estados nacionais não permitiam. A mesma coisa está acontecendo com os índios. Nos EUA e no Canadá, por exemplo, os índios são cada vez mais índios.

Isso também está acontecendo no Brasil, onde a situação melhorou muito. Nossa população indígena aumentou para cerca de 300 mil. O apoio da opinião pública nacional e, sobretudo, internacional obrigou o governo a reconhecer e demarcar territórios.

Também muitos deles estão se tornando autônomos. Estão se livrando do padre, do funcionário da Funai, do antropólogo. Muitos grupos já estão gerindo sua própria economia. Estão tomando o comando de suas próprias vidas.

Folha - Como o sr. avalia a performance do governo Fernando Henrique Cardoso nessa área?

Ribeiro - O presidente é casado com uma antropóloga competente, a dona Ruth. Mas ele deu um terrível passo em falso, induzido pelo ministro da Justiça, Nelson Jobim. Assinou um decreto que abre a possibilidade de se rediscutir territórios indígenas já demarcados. É como se o Brasil permitisse a discussão sobre suas fronteiras. Os bolivianos e equatorianos reivindicariam terras até Brasília. Desde então, houve cerca de 800 contestações contra algo como 50 territórios. A maioria foi colocada de lado, mas, se apenas um grupo indígena perder suas terras, ou parte delas, todos os outros ficarão intranquilos.

BIENAL PRIMEIRA LEITURA

Só viraram as costas e prosseguiram no doce ofício

Fotos Divulgação



O cinegrafista Heinz Foerthmann com os índios Urubus-Kaapor, em 50, durante a expedição na Amazônia

Leia em primeira mão trechos do diário que será lançado este mês na Bienal do Livro em São Paulo

DARCY RIBEIRO

18 de janeiro de 1950 - Estou deitando umas conversas sobre a vida sexual dos índios. São apenas indicações iniciais, pistas para explorar melhor quando houver condições. O tratamento recíproco de homens e mulheres é simétrico, embora sempre se portem com decoro nos gestos. Há mulheres que gostam especialmente de falar de sexo, comentando quem estaria trepando com quem, até as mulheres casadas. Não têm qualquer discriminação nas palavras, falam de todos os assuntos com naturalidade, comentando a vida sexual de cada membro sem constrangimentos.

João Carvalho conta que, por duas vezes, uma durante o dia, outra à noite, aqui no posto e em viagens, viu casais de índios amando e que eles não deram importância à sua presença. Apenas viraram as costas e prosseguiram no doce ofício.

Tenho a impressão de que eles se preocupam tanto como nós com os temas sexuais, o que é uma indicação de desequilíbrio e insatisfação. Há homens que não conseguem mulher e, mais ainda, há mulheres só ou mal servidas pelos maridos, o que dá bastante base para trazer a sexualidade à tona.

Não parece haver qualquer perversão generalizada, mesmo a homossexualidade, ao que me disseram, é desconhecida.

Chega a causar espanto quando é referida. Os casais são afetuosos, andam quase sempre juntos e, não raro, se acariciando — no cafuné e nas bolinas. As conversas eróticas são comuns, delas participam pessoas de todos os sexos e idades. Devem agir como estimulantes, além do fumo, que os embriaga do modo como usam os charutos — aspirando fortemente e retendo a fumaça no peito —, e das bebidas fermentadas, que dão lugar a orgias.

Sobre a concepção do ato sexual, se puro, natural, doloroso, perigoso, eu não descobri nada ao certo. Mas há um nítido esforço dos homens para convencer as mulheres de que as que têm relações com karafas morrem em consequência disso.

Baseiam a suposição no fato de algumas terem morrido no parto de filhos gerados por brancos e em doenças venéreas apanhadas durante as andanças, que também têm causado dores e mortes. Porém as mulheres não parecem lá muito convencidas disso; contudo devem temer. Os homens não têm nenhuma inibição para as trepadas. Sua expectativa é de que se uma mulher se abrir, acolhedora, eles transarão.

O característico erótico atribuído ao branco ou ao preto é o vantajamento da genitália, que eles creem ser tão exagerada no homem como na mulher. Essa visão surge do fato de que eles, não usando os amarrinhos que embutem o membro para dentro do corpo, os mostram ao

natural, fazendo parecer maiores. Alguns índios são referidos como portadores de membros descomunais, "como o dos brancos". São, por isso, desejados e temidos pelas mulheres.

Não sei nada sobre a regulação, o período e frequência do intercursos sexual de marido e esposa. Ari-dju afirma que, em sua aldeia, somente o Japú-kai estava mantendo relações sexuais com a mulher, porque todos os demais têm filhos pequenos. Ele próprio é pai de uma menina de três anos, e não podia ter sua mulher porque ela não queria engravidar de novo. O Serapião, que não tem filhos, teria também relações, mas como sua mulher não deseja ainda engravidar e parir, por ser nova e não querer ficar presa à criança, ela o retira de si antes de ejaculação. Ele desejaria filhos. O Uirapipó-rijú, que é solteiro e tem mais de 20 anos, embora viril "não conhece mulher, só depois de casado; quando conseguir uma, é que irá conhecer". Se estivesse em outra aldeia onde houvesse moças e mulheres sem marido, não aparentadas, ele poderia experimentar o amor antes do casamento, mas lá em casa mesmo é impossível.

Essas informações me pareciam suspeitas. Seria incrível que, só depois do filho ter quatro anos e libertar-se completamente da mãe, o pai pudesse cobri-la novamente.

Todo esse período e os meses mais próximos de antes do parto seriam de abstenção? Ari-dju afirma que sim, têm que agir dessa forma para que a mãe possa cuidar do filho, senão teria dois muitos pequenos e nem poderia criá-los, fazendo suas outras tarefas. Há o expediente da mulher do Serapião que pode contornar isso. Seria usado habitualmente pelos casais nessas condições? Isso faria deles o povo do coito interrompido. As conversas sobre milagrosas drogas abortivas dos índios são invenções.

Sobre relações pré-conjugais não adiantei mais nada que o caso daquele homenzarrão, de 20 anos, donzelo. Quanto à extra-marital, tenho a impressão de que os índios não reagem com violência quando os brancos perseguem ou mesmo possuem suas mulheres, como se vê pelos casos do posto, nenhum dos quais teve consequências sérias. A tolerância recíproca nas relações entre eles mesmos será ainda maior.

A preocupação de João Mirá a esse respeito é também reveladora. Tanto mais porque, aqui, soube que quem dormiu com sua mulher essas noites foi um outro índio de sua aldeia. Ela comentou, faceira, que nada diria ao marido para que "não fique triste".

Isso é tudo que soube naquelas conversas de viagem, somado a algumas observações diretas. O assunto é muito do gosto dos índios e se poderá voltar a ele quando tivermos um intérprete melhor e alguém que queira contar seus casos e os alheios.

Fiz para eles a sopa que levava para mim

DARCY RIBEIRO

18 de janeiro de 1950 - Estou voltando do pouso onde se arrancharam os índios. Não há nada de roça, nem de aldeia nova, estão é fugindo da doença que aqui, no desampado, talvez os veja. Armaram seus minúsculos tapiris lançando uma corda entre duas árvores, amarraram tudo com cipós e cobriram com algumas filhas de palmeira. Ai armaram as redes. Quem está mais perto das árvores centrais fica no meio, mais protegido da chuva. Os outros amarraram as suas redes das árvores fronteiras para as centrais, para cima do tapiri, e estão quase ao relento.

Há sete põcilgas dessas, vinte e poucas pessoas morrendo dentro, no meio daquela umidade da mata, ouvindo tossidos, gemidos, peidos, escarros de todos os lados. Já morreram três, só um homem e uma mulher restam fortes, mas mesmo estes, já atacados, começam a tossir. Nunca vi nada mais horrível. Não têm o que comer, porque ninguém pode ir à roça buscar mandioca e torrã-la, nem caçar, nem pescar, nem catar frutos, nem nada. Ninguém pode nem mesmo buscar água. Vi uma mãe pressionando uma menininha para que fosse longe buscar uma latinha d'água. O fedor é insuportável, porque todos se sujam nas próprias redes. Alguns estão tão quietos no fundo delas que temo até que estejam mortos.

O caso mais doloroso é o de José. O índio mais forte das aldeias da jararaca, celebre por seu corpo gigantesco, a cara redonda, cercada por uma cabeleira descomunal, que todos queriam ver dançando o tamborim. E um moribundo, pesará uns 40 quilos, se tanto, porque

o esqueleto é enorme. A mulherzinha do gigante se enrosca no resto dele e chora de fazer dó. Outro caso terrível é o de Pau-nembú — a Urubu forte e bonita que foi dada ao Miguel Silva e o serviu como amante por muitos anos —, é um resto de gente, tossindo e fedendo de sarampo e catarro.

Jovens e crianças esqueléticos,

Alguns estão tão quietos no fundo das redes que temo que estejam mortos

todos famintos, rodam por ali desesperados, cegos pelo terçol, repelidos pelos adultos. Tive que preparar para eles as sopas que levava para mim. Comeram, também, forçados por nós, umas bananas verdosas, que só as há muito verdes. Nem pudemos fazer um mingau para os que estão mais fracos. A crença de que possam fugir do fantasma da doença que assaltou a aldeia metendo-se no mato, acrescenta do sofrimento que isso importa, de morrer de fome e de sede, joga esses índios numa condição humana incompressível de miséria. Quem está naquele bolo, temo eu, preferirá morrer logo a lá ficar. Essa louca enfermidade na mata, de doentes que se cuidam, mas de fato se descuidam de si mesmos, é o que já vi de mais pavoroso. Deparamos, ali, com uma mulher que tinha no colo um filhinho nascido há dez dias, tão feio e pequeno que parecia um frango depenado, se não fosse a cabeça de macaco. O rancinho dessa mulher era o único

que tinha folhas de palmeira do teto até o chão, com paredes, mas apenas amontoadas ali, provavelmente para protegê-la no dia do parto. Ela enterrara, há dois dias, um outro filho, morto de sarampo.

Trata-se nada menos que a mulher daquele capitão Ventura que encontramos doente em Camiranga. Passava muito mal e o mandamos para Curucua, onde está o Elias, para ser cuidado. Estava com seu irmão, capitão Irá-murú; que foi com ele a Belém e ninguém sabe agora onde se encontra. Piahú o deixou em Cachoeira, um povoado vizinho das Minas do Alegre, de lá vieram (talvez esteja enterrado lá). Onde estarão? A ausência desses capitães pode ter contribuído para criar esse bolo humano de tristeza, dor e fedor. Ventura e Irá-murú são de uma família de capitães urubus. Três de seus irmãos, todos com o mesmo título, vivem e chegam a aldeia de Karapanã, que fica mais ao sul, nas águas de um afluente do alto Gurupí. Chamam-se Karumbé, Tan-gui e Tarun-má. Fortalece-se cada vez mas em mim a idéia de que esses capitães são apenas homens mais enérgicos, com grandes roças próprias e alguma liderança ou simpatia que atraem outros índios para junto deles.

Amanhã, pela madrugada, retornaremos à vereda na mata. Espero encontrar apenas uma família na próxima aldeia, a do capitão Iana-wakú, e, na seguinte, somente o Tembê Domingos. Mas ainda vamos ver, para decidir que rumo tomar. Faz um calor sufocante, e as pulgas famintas dessa aldeia deserta não nos dão sossego. Devidamente ajudadas pelas mutucas, carapanãs, maruins e tantas pragas que o diabo inventou para atentar a gente. Tomara que chova; bem que o tempo promete água.



Desenho de Darcy no diário

Não parece haver qualquer perversão generalizada, mesmo a homossexualidade, ao que me disseram, é desconhecida; chega a causar espanto quando é referida